

O meu pai morreu há onze anos, tinha eu então quatro anos. Nunca pensei voltar a ter notícias dele, mas agora estamos a escrever um livro em conjunto.

Sou eu que escrevo as primeiras linhas deste livro, mas o meu pai aparecerá gradualmente. É ele quem vai contar quase tudo.

Não sei ao certo se me recordo bem dele. A recordação que tenho dele pode ser das fotografias que vi tantas vezes.

Mas estou convencido de que me lembro mesmo de uma coisa que se passou quando estávamos a observar as estrelas, no terraço.

Numa das fotografias, eu estou sentado com o meu pai no sofá amarelo de pele da sala. Parece que ele está a contar qualquer coisa agradável. O sofá ainda existe, mas o meu pai já não se senta nele.

Numa outra fotografia, estamos muito bem sentados numa cadeira de baloiço na varanda envidraçada. Esta fotografia continua pendurada no mesmo lugar desde que o meu pai morreu. Estou sentado neste momento na cadeira verde de baloiço. Tento escrever num caderno grande de apontamentos, sem me mexer. Mais tarde vou digitar tudo no computador do meu pai.

Em devido tempo falarei também sobre esta máquina.

É uma sensação estranha, guardar todas estas fotografias antigas que pertencem a outro tempo.

No meu quarto tenho um álbum cheio de fotografias do meu pai. É quase desagradável guardar fotografias de uma pessoa que já não existe. Tenho também uma gravação do meu pai em vídeo. Até mete algum medo ouvir aquela voz forte.

A minha avó paterna costuma dizer que devia ser proibido ver vídeos de pessoas que deixaram de existir ou de estar entre nós. Ela não acha correcto espiar os mortos.

Num ou noutro vídeo, também ouço a minha voz fininha, que chega a lembrar o pio de uma pequena ave.

Era assim, então: o meu pai era o baixo e eu o soprano.

Num dos vídeos, estou às cavalitas do meu pai e tento agarrar a estrela da árvore de Natal. Apesar de não ter mais de um ano, quase arranquei a estrela.

Foi a minha mãe quem filmou os vídeos em que eu estou com o meu pai, mas, quando ela vê aquelas gravações, ainda se põe a rir, inclinada para trás. Não me parece bem que ela se ria dos vídeos do meu pai. Talvez ele não gostasse e achasse mesmo que ela estava a infringir as regras.

Num outro vídeo, o meu pai e eu estamos sentados ao sol diante da cabana de férias em Fjellstølen, na Páscoa, e cada qual segura metade de uma laranja na mão. Eu tento sorver o sumo sem descascar a laranja. Posso jurar que, nesse momento, o meu pai pensava noutras laranjas.

Logo a seguir à Páscoa, o meu pai adoeceu. A doença prolongou-se por mais de um ano e ele tinha medo de morrer. Ele devia saber que ia morrer.

A minha mãe disse-me várias vezes que a grande mágoa dele era desaparecer sem chegar a conhecer-me bem. Embora de uma forma mais mística, a minha avó diz o mesmo.

A avó muda de voz, quando fala do meu pai. Talvez seja normal. Os meus avós perderam um filho adulto. Eu não tenho experiência disso. Felizmente, eles têm outro filho vivo.

Quando vê as fotografias do meu pai, a minha avó nunca ri. Senta-se apenas a olhar para elas, religiosamente. Ela própria o diz.

O meu pai partiu do princípio de que não podia manter uma conversa séria com uma criança de três anos e meio. Hoje compreendo os seus motivos e, em breve, os leitores deste livro compreenderão também.

Tenho uma fotografia do meu pai, doente, numa cama de hospital. O seu rosto está muito magro. Tem-me sentado sobre os seus joelhos e segura-me as mãos para eu não cair para cima dele. Esboça um sorriso. Isto passou-se umas semanas antes de ele morrer. Eu preferia não ter esta fotografia, mas, já que a tenho, não posso desfazer-me dela. Não consigo desviar o olhar dela.

Estou agora com quinze anos, ou, mais precisamente, quinze anos e três semanas. O meu nome é Georg Røed e vivo em Humlevei, em Oslo, com a minha mãe, o Jørgen e a Miriam. O Jørgen é o meu novo pai e trato-o simplesmente por Jørgen. A Miriam é a minha irmãzinha. Ela tem apenas um ano e meio e é demasiado pequena para manter uma conversa séria.

Não existem fotografias nem vídeos antigos da Miriam com o meu pai. O Jørgen é o pai da Miriam. O meu pai só me tinha a mim.

As revelações espantosas que tenho a fazer sobre o Jørgen ficam para mais tarde. O leitor deste livro irá conhecê-las.

Após a morte do meu pai, os meus avós paternos vieram ajudar a minha mãe a arrumar as coisas dele. Mas nunca encontraram uma coisa importante: uma longa história que, antes de ser internado no hospital, ele me dedicou.

Na altura, ninguém sabia que ele escrevera uma história. «A rapariga das laranjas» foi encontrada na segunda-feira

passada. Foi a avó quem encontrou a história completa, guardada no forro do carrinho vermelho de bebê onde eu me sentava quando era criança, que estava guardado na arrecadação.

Como foi ali parar, é um mistério. Mas por mero acaso não deve ter sido, pois a história foi escrita pelo meu pai. Eu tinha três anos e meio e fala de um carrinho de bebê! A história não fala apenas de um carrinho de bebê, mas foi escrita para mim. Para compreender «A rapariga das laranjas», eu tinha de ser crescido. Aquela era uma carta para o futuro.